



Arte, educação e saúde: Teatro-Fórum na intersecção entre educação e saúde do trabalhador¹

MACHADO, Emilly ²– Faculdade SESI de Educação
FLORENTINO, Cássia Lara ³– Faculdade SESI de Educação
RIBEIRO, Nicolly ⁴– Faculdade SESI de Educação
PEREIRA, Matheus ⁵– UNIP

¹ Este artigo foi resultado de uma pesquisa com o grupo de estudos e extensão Palco Resistência.

² Graduanda em Linguagem pela Faculdade SESI de Educação. E-mail: emilly8machado@gmail.com

³ Graduanda em Linguagem pela Faculdade SESI de Educação. E-mail: cassia.lara.prof@gmail.com

⁴ Graduanda em Linguagem pela Faculdade SESI de Educação. E-mail: nicollyribeiroprof@gmail.com

⁵ Graduando em Produção Audiovisual pela UNIP. E-mail: contatemath@gmail.com

RESUMO

O grupo de teatro Palco Resistência tem promovido ações que articulam arte-educação para provocar reflexões críticas sobre questões sociais. Em agosto de 2025, participamos da 5ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, onde apresentamos o Teatro-Fórum “Debaixo do tapete”. O objetivo deste trabalho é evidenciar como o Teatro-Fórum pode atuar como ferramenta pedagógica e emancipatória na formação de professores. A prática, baseada na participação ativa do público, abordou temas como assédio moral, condições de trabalho e saúde mental. Justifica-se pela necessidade de romper com silenciamentos e práticas naturalizadas de violência nos ambientes socioeducativos. A linguagem artística potencializa processos de escuta, expressão e conscientização, fortalecendo vínculos e sensibilizando para a complexidade das relações de trabalho. A experiência revelou o teatro como dispositivo de conscientização e estratégia formativa, ao reconhecer que o aprendizado ocorre de forma plena quando os sujeitos são cuidados e reconhecidos em sua existência. Muitos participantes se identificaram e expressaram indignação, o que reforça a potência da problematização estética. A metodologia adotada fundamenta-se na Pesquisa Crítica de Colaboração, articulada à produção, análise e interpretação dos dados gerados durante a apresentação. As intervenções do público, seus relatos e reações emocionais foram considerados elementos centrais para a compreensão da experiência. Com base nos princípios do Teatro do Oprimido, a proposta contribui para integrar saberes de forma crítica, atravessando os campos da educação, saúde, arte e cidadania. A formação docente, inicial e continuada, pode se beneficiar da incorporação de práticas artísticas que promovem o cuidado coletivo e o pensamento crítico.

Palavras-chave: Teatro-Fórum; Ferramenta pedagógica; Assédio moral.

1. INTRODUÇÃO

Na semana do dia 18 de agosto, ocorreu em Brasília a 5ª Conferência Nacional de Saúde dos Trabalhadores e das Trabalhadoras (5ª CNSTT), evento organizado pelo Conselho Nacional de Saúde, com o objetivo de fortalecer o vínculo entre a saúde do trabalhador e os direitos humanos. A conferência debate e propõe ações para o fortalecimento de políticas públicas que garantam ambientes de trabalho mais seguros e saudáveis.

O Palco Resistência, grupo de estudos e extensão da Faculdade Sesi de Educação, esteve presente com cinco integrantes, apresentando o Teatro-Fórum (TF) que promoveu uma reflexão crítica sobre o assédio moral no ambiente de trabalho, especialmente na área da saúde. O TF, vertente do Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal, consiste na encenação de uma situação de opressão ou conflito até o seu desfecho. Após a apresentação, o público é convidado a retornar à cena e propor novas alternativas para solucionar a problemática evidenciada pela plateia. Nesse momento, os espectadores deixam de ocupar uma posição passiva e passam a atuar como espect-atores, conceito elaborado por Boal (1991) para designar aqueles que se tornam participantes ativos do processo cênico e transformador. Essa dinâmica busca promover a emancipação social e a transformação coletiva, incentivando a reflexão crítica sobre práticas de violência e silenciamento ainda naturalizadas dentro dos contextos sociais.

Além disso, o grupo fundamenta suas ações nos princípios libertadores de Freire (1987), que afirma que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p. 29), e nas ideias de Boal (1991, p. 138): “o espectador não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu lugar; ao contrário, ele mesmo assume um papel protagonista, [...] em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a ação real.”

Tais perspectivas dialogam com o pensamento de Catherine Walsh (2013), que propõe a noção de “gritos, gretas e sementeiras” como formas de resistência e (re)existência. Os gritos expressam o inconformismo diante das opressões, as gretas são as microfissuras abertas no tecido social, e as sementeiras simbolizam as possibilidades de transformar esses sentidos e saberes. Nesse sentido, a atuação do grupo busca ocupar essas gretas, fazendo do teatro um espaço de grito e de sementeira, um campo de formação e transformação contínua em direção a uma sociedade menos opressora e mais humanizada.

Este trabalho, portanto, tem o objetivo de evidenciar como o Teatro-Fórum contribui para a conscientização e enfrentamento do assédio moral no ambiente de trabalho, destacando a importância da participação ativa e do diálogo crítico para a promoção de ambientes mais justos e respeitosos.

A metodologia adotada neste estudo baseia-se na Pesquisa Crítica de Colaboração (PCcol) (Magalhães, 2011), que busca a construção coletiva do conhecimento por meio da interação dialógica entre os participantes. A pesquisa se constituiu como um relato de experiência, centrado nas práticas do grupo Palco Resistência e nas apresentações realizadas durante a 5ª Conferência Nacional de Saúde dos Trabalhadores e das Trabalhadoras.

A coleta de dados ocorreu a partir de pautas de observação diretas, registros reflexivos, gravações de audiovisual e anotações feitas pelos integrantes do grupo ao longo do processo de criação, ensaio e apresentação. Para as gravações de áudio e vídeo, foram posicionadas duas câmeras, com o foco tanto para a cena quanto para a plateia, com a proposta de captar as falas, reações e intervenções dos atores e público. As informações obtidas foram organizadas e preservadas no banco de dados do grupo, com atenção à sua segurança e integridade. Tais dados foram compreendidos como elementos formativos e analíticos, permitindo refletir sobre o potencial do Teatro-Fórum, evidenciando-o como ferramenta pedagógica e emancipatória.

Dessa forma, o percurso metodológico valorizou o diálogo, a escuta sensível e a construção colaborativa de sentidos entre os sujeitos envolvidos, em consonância com os princípios de Freire (1987; 1996) e Boal (1991).

Trata-se de um relato de experiência baseado nas atividades realizadas pelo grupo Palco Resistência durante a 5ª Conferência Nacional de Saúde dos Trabalhadores e das Trabalhadoras. A coleta de dados consistiu em observações, registros e reflexões sobre a interação com o público durante a apresentação do Teatro-Fórum, que permitiram analisar qualitativamente o impacto da prática na conscientização sobre assédio moral no ambiente de trabalho.

2. EDUCAR E RESISTIR: O TEATRO COMO AÇÃO POLÍTICA

O Palco Resistência, iniciado no ano de 2024, é um grupo de estudos e extensão vinculado à Faculdade Sesi de Educação, idealizado pelo professor Levi Corrêa Lopes, ator e diretor responsável pela coordenação e orientação das atividades do grupo. O grupo teatral conta, atualmente, com participantes de diferentes áreas do conhecimento, sendo professores em formação e com formações e experiências diversas. Nosso foco principal é investigar o teatro como ferramenta de resistência contemporânea, explorando sua potência tanto no campo artístico-educacional quanto na transformação social.

Nossas criações artísticas dentro do grupo nascem das vivências, percepções e experiências dos próprios integrantes, permitindo que o teatro se torne um espaço de diálogo, escuta ativa, pautado no engajamento para a transformação social. Dessa forma, o Palco Resistência contribui de maneira significativa para nossa formação docente, ao integrar arte, educação e compromisso social. Para isso, utilizamos jogos teatrais, técnicas de interpretação e estudos de textos disparadores, baseados em Boal (1991) e Freire (1987;1996), no qual fazemos a intersecção nas áreas da arte-educação, que propõem uma reflexão crítica e o engajamento dentro da educação.

O grupo de estudos e extensão concentra suas pesquisas no Teatro do Oprimido, proposto por Boal (1991), com ênfase na vertente do Teatro-Fórum. Essa proposta artística busca promover o diálogo e a conscientização por meio da participação ativa da plateia diante de uma problemática encenada, convidando o público a refletir e experimentar possíveis alternativas e soluções dentro da própria cena.

O relato utiliza a PCcol (Magalhães, 2011), priorizando a construção coletiva do conhecimento por meio do diálogo entre os participantes. Os dados foram produzidos por observações, registros reflexivos e anotações realizadas durante criação, ensaios e apresentação. As interações do público foram tratadas como elementos formativos e analíticos, reforçando o Teatro-Fórum como prática pedagógica e emancipadora.

Junto do grupo, realizamos mais de dez apresentações em diferentes escolas, levando ainda a proposta de Teatro-Fórum, pensando em dialogar com o contexto social dos estudantes de cada instituição. As cenas foram montadas pelos participantes do grupo, a partir de relatos prévios da equipe diretiva escolar que nos convidou. Ao todo, já apresentamos em escolas públicas estaduais, escolas da rede Sesi e congressos, para estudantes de Ensino Fundamental, Ensino Médio e adultos. Os temas abordados nas cenas como bullying, racismo, preconceito, discriminação e assédio, sempre são evidenciados como violências cotidianas enraizadas no nosso contexto social, que atingem o coletivo e passa a não ser mais uma luta individual, mas sim uma transformação coletiva e colaborativa (Sawaia, 2001).

Ademais, o Teatro-Fórum se torna um caminho de emancipação social que incentiva a reflexão conjunta das práticas de violência e silenciamento naturalizadas nos ambientes de trabalho e educação. Nesse sentido, Freire (1987, p. 38) afirma que “a práxis, porém, é a

reflexão e a ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Essa concepção se aproxima da experiência vivenciada nas apresentações, pois o TF, ao promover o debate e a problematização das situações de opressão, não se limita à representação artística, mas constitui um espaço de aprendizagem coletiva e de exercício da transformação social. Para Boal (1991, p. 181), “o espectador se libera: pensa e age por si mesmo! Teatro é ação!”, reforçando a perspectiva de um teatro voltado à emancipação e à construção de uma sociedade menos opressora.

3. EXPERIÊNCIA DO GRUPO PALCO RESISTÊNCIA NA 5ª CNSTT: RELATO E REFLEXÕES

A 5ª CNSTT, em Brasília, é um evento organizado pelo Conselho Nacional de Saúde como fortalecimento do vínculo entre a saúde do trabalhador e os direitos humanos. A conferência buscou promover debates e propor ações voltadas à construção de políticas públicas que garantam ambientes de trabalho mais seguros, saudáveis e humanizados.

O Palco Resistência, grupo de estudo e extensão da Faculdade Sesi de Educação, esteve presente com cinco integrantes, apresentando um Teatro-Fórum que provocava uma reflexão crítica sobre o assédio moral no ambiente de trabalho, especialmente na área da saúde. A peça, composta por cinco cenas, retratava diferentes situações de violência simbólica e institucional, como a agressão verbal entre profissionais, a negligência de um supervisor, a omissão de colegas e a ineficácia de canais institucionais de denúncia.

Na primeira cena, a enfermeira Catarina entra exausta na copa, sendo confrontada de forma agressiva por Cláudia, que a acusa de não ter administrado uma medicação. Ao tentar se justificar, Catarina é ridicularizada e chamada de “lerda”. A colega, Lorena, presencia a situação, mas opta por se manter omissa, recusando-se a intervir sob a justificativa de estar em seu horário de descanso. Na segunda cena, Catarina tenta dialogar com Lorena para compreender sua falta de apoio, mas recebe uma resposta fria: Lorena afirma que aquele era seu horário de almoço e que Catarina deveria resolver seus próprios problemas.

A terceira cena apresenta o momento em que Catarina procura o supervisor em busca de ajuda, relatando o assédio moral sofrido. O supervisor, no entanto, minimiza a gravidade da situação, atribuindo o conflito a questões pessoais, como “TPM” ou o “jeito” de Cláudia, e desencorajando a denúncia sob o argumento de que isso poderia prejudicar a equipe. Na quarta cena, Catarina volta a procurar Lorena, pedindo apoio para denunciar o comportamento abusivo de Cláudia. Lorena, resignada, afirma que também foi alvo de comentários maldosos quando começou e que aprendeu a ignorar. Ao ouvir Catarina mencionar os comentários homofóbicos de Cláudia, Lorena a desencoraja novamente, dizendo que denunciar “não adiantaria nada”. Nesse momento, Cláudia surge e ironiza as duas, insinuando um envolvimento entre elas, o que leva Lorena a se afastar, constrangida.

Por fim, na quinta cena, Catarina decide denunciar sozinha, mas, ao ligar para o canal institucional, é orientada a procurar justamente o supervisor que havia desconsiderado seu relato. A cena se encerra com a indiferença de Lorena, que comenta “eu avisei, agora vamos trabalhar.”

Ao encenar tais situações, buscamos revelar as múltiplas faces do assédio moral e estimular o público a refletir sobre seu papel diante dessas violências cotidianas, que muitas vezes são silenciadas.

A primeira apresentação ocorreu na terça-feira, dia 19 de agosto, na Tenda Paulo Freire, com capacidade para aproximadamente 30 pessoas. A peça aconteceu no período da manhã, com duração aproximada de uma hora. Já a segunda apresentação aconteceu na quinta-feira, dia 21 de agosto, último dia da conferência, em um auditório com capacidade para cerca de três

mil pessoas, também no período da manhã, com duração de 50 minutos.

Logo após a primeira exibição da cena, percebemos que a plateia ainda não havia compreendido completamente o propósito do Teatro-Fórum, possivelmente pela falta de familiaridade com o estilo de teatro, o que pode ter influenciado na dinâmica inicial da participação. Com a mediação do professor, que atuava como Coringa, as pessoas começaram a participar, trazendo questionamentos, relatos e sugestões de mudanças nas cenas apresentadas. A troca foi intensa e o ambiente se tornou um espaço de escuta e voz ativa de cada participante: muitos relataram a identificação com a cena e compartilharam experiências pessoais de assédio moral e sofrimento no trabalho, o que ampliou a dimensão reflexiva do momento.

Durante essa sessão, duas pessoas subiram ao palco para intervir diretamente na cena. De início, uma senhora usuária do Sistema Único de Saúde (SUS), substituiu o papel da enfermeira vítima, tentando resolver o conflito por meio do diálogo com os demais personagens. Apesar de não alcançar o desfecho desejado, sua intervenção revelou o quanto o diálogo e a escuta ativa são caminhos possíveis para a transformação social e coletiva, ainda que desafiadores, diante de situações opressoras, como defende Freire (1987).

O segundo participante, um enfermeiro do SUS, propôs a inserção de um novo personagem, um representante da ouvidoria da instituição, criando uma mediação entre os enfermeiros presentes nesse conflito. Durante sua atuação, criou-se um espaço de escuta em que tanto a vítima quanto os agressores puderam se expressar. O participante buscou compreender não apenas os impactos da violência sofrida, mas também as possíveis motivações e fragilidades daqueles que a praticavam, questionando se eles próprios não estariam atravessando situações de sobrecarga ou sofrimento. Esse momento evidenciou, mais uma vez, a importância de uma resolução dialógica e empática dos conflitos, pautada na busca por soluções coletivas e pacíficas. Sua intervenção mostrou como a criação de espaços institucionais de escuta e acolhimento pode transformar a dinâmica de violência, oferecendo soluções coletivas e realistas.

A segunda apresentação exigiu adaptações no roteiro e na dinâmica de interação, uma vez que o público era numeroso e o tempo disponível foi reduzido por conta de imprevistos na programação. Ainda assim, a plateia foi extremamente participativa e diversas pessoas manifestaram o desejo de subir ao palco para modificar a cena. O Coringa, sugeriu o número de intervenções, que foram duas, para garantir o andamento da atividade, mas, ainda assim, seis pessoas acabaram participando simultaneamente, propondo soluções diferentes para o conflito encenado.

Essa experiência revelou os desafios de conduzir o Teatro-Fórum diante da espontaneidade do público. Em determinado momento, duas participantes alteraram o rumo da narrativa, interferindo na ação dos demais, o que exigiu de nós escuta sensível e exploração da capacidade de improviso. Apesar dos imprevistos, compreendemos que o TF é, por natureza, um espaço de incertezas e descobertas. Ele requer flexibilidade, empatia e abertura ao inesperado, características essenciais tanto ao artista quanto ao educador.

Participar deste evento constituiu uma vivência formativa profunda. Compreendemos que o Teatro-Fórum ultrapassa os limites da encenação: ele se configura como um espaço de diálogo, escuta e aprendizagem coletiva, no qual os participantes assumem o papel de agentes críticos e transformadores da realidade (Stetsenko, 2017), construindo sentidos e possibilidades de ressignificar cenários por meio da arte, indo de encontro com o pensamento de Boal (1991), que nos fala do Teatro-Fórum como uma preparação para a vida real. As reações, relatos e intervenções dos participantes mostraram a potência do teatro como ferramenta de conscientização, um espaço onde a arte se encontra com a educação e a saúde para provocar transformações humanas e sociais.

4. O TEATRO-FÓRUM COMO PRÁTICA FORMATIVA E EMANCIPADORA NA EDUCAÇÃO

As apresentações constituem um elemento essencial para a nossa formação acadêmica e pessoal. Esses momentos possibilitam a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimentos e o contato com diferentes perspectivas teóricas e práticas (Freire, 1996), ampliando nossa compreensão sobre os temas estudados e sobre o papel social da arte na educação. Ao participarmos de atividades como a 5ª CNSTT, tivemos a oportunidade de vivenciar na prática os fundamentos discutidos em sala de aula, relacionando a teoria à realidade e percebendo como o Teatro-Fórum pode atuar como instrumento de conscientização e diálogo. Essa interação com diferentes públicos — profissionais da saúde, gestores e usuários do SUS — enriqueceu nosso olhar sobre o processo educativo e evidenciou o potencial transformador da arte como ferramenta pedagógica e social.

A experiência também nos permitiu compreender que a formação docente vai além da aquisição de conteúdos teóricos. Por meio da criação coletiva, da atuação cênica e da escuta do público, desenvolvemos habilidades de comunicação, empatia, improvisação e mediação de conflitos, competências fundamentais para o exercício da docência. Nesse sentido, as apresentações do Palco Resistência se configuram como espaços de experimentação e de aprendizagem vivencial, em que o teatro e a educação se encontram para promover reflexão e transformação.

Como futuros docentes, precisamos nos preparar para enfrentar as violências que chegam às escolas e que, por tanto tempo, foram naturalizadas. Essas situações exigem de nós um esforço de desconstrução para garantir que cada estudante tenha uma experiência de aprendizado mais justa e respeitosa. Ao usar o teatro como ferramenta de estudo, compreendemos o papel do Teatro-Fórum na formação de consciência crítica, na promoção do diálogo e na criação de espaços em que os estudantes podem experimentar e refletir sobre a realidade que os cerca. Essa abordagem nos revela a necessidade de desenvolver habilidades de escuta sensível, empatia e mediação de conflitos, preparando-nos para atuar como facilitadores da transformação social. Como aponta Boal (1991, p. 139), “por isso, eu creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente ‘ensaio’ da revolução. O espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação! Não importa que seja fictícia: importa que é uma ação.”

Enquanto educadores em formação, reconhecemos que nosso papel vai além do palco. É também nossa responsabilidade levar essa escuta e esse diálogo para a sala de aula, ajudando os alunos a identificar as violências e desigualdades que, muitas vezes, estão naturalizadas no cotidiano escolar e social (Sawaia, 2001). Nesse sentido, o Teatro-Fórum se apresenta como “uma forma de expressão e comunicação que deve ser apropriada por não-atores, como instrumento político para reflexão e transformação social, através do diálogo e do teatro” (da Silveira, 2024), evidenciando seu potencial como prática pedagógica e social.

As experiências vividas, tanto nas escolas quanto na conferência, nos ensinam a ressignificar o que é vivido em cada encontro. Cada apresentação oferece elementos para pensar na docência como prática libertadora (Freire, 1996), que se constrói na coletividade e na sensibilidade. O Palco Resistência, nesse sentido, é um espaço de pesquisa, criação e transformação que nos permite compreender o Teatro-Fórum como uma ferramenta de mudança social e de fortalecimento da formação docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do Palco Resistência na 5ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora foi essencial, pois nos permitiu sair dos espaços a que estamos acostumados, como as salas de aula e espaços escolares, e levar o Teatro-Fórum para um ambiente voltado à escuta e à reflexão sobre a saúde mental. Assim, nos afastamos momentaneamente dos textos que costumamos trabalhar, que tratam diretamente de temas como bullying, discriminação e desrespeito. No entanto, durante as apresentações na conferência, essas questões emergiram em relatos do próprio público, revelando o quanto o assédio moral está entrelaçado a diversas formas de violência simbólica, preconceito e exclusão. Embora fosse um contexto diferente, essas manifestações reforçaram a importância de continuarmos abordando tais temáticas, mesmo fora do ambiente escolar, por meio da arte e do diálogo.

Durante as apresentações, percebemos que muitas pessoas traziam à tona dores e violências vividas em seus locais de trabalho e em suas trajetórias pessoais. O palco tornou-se, portanto, um espaço de escuta e acolhimento, onde os participantes expressavam suas lutas e reivindicações, muitas vezes em forma de protesto. Essa necessidade de ser ouvido mostrou o quanto o teatro pode funcionar como um canal de expressão para aqueles que, em outros contextos, são silenciados.

Como grupo, compreendemos a importância da flexibilidade e da adaptação diante de públicos diferentes. Acostumados a trabalhar com estudantes e professores, encontramos, na conferência, um público diverso: profissionais da saúde e pessoas com outras vivências. Essa diversidade nos fez compreender que o Teatro-Fórum é uma prática que exige escuta sensível e diálogo, pois cada plateia traz suas próprias realidades e dores.

Mais do que apresentar uma peça, buscamos promover conscientização. Criamos um espaço para que o público refletisse sobre o papel de cada pessoa diante das violências cotidianas, seja como vítima, como testemunha omissa ou mesmo como agressor. Em ambientes como o da saúde, marcados por pressões e sobrecarga, muitas vezes a agressão surge sem que o sujeito perceba que está reproduzindo práticas opressoras. Assim, o teatro se torna uma ferramenta para reconhecer e repensar comportamentos.

Enquanto educadores, repensamos nossas práticas didáticas, direcionando o olhar para a quebra de ciclos de comportamento que os alunos possam reproduzir entre si. É fundamental permitir que eles observem cada atitude, reconhecendo-se também como construtores de um ambiente saudável e colaborativo, saindo da posição passiva e promovendo um espaço de aprendizagem mais acolhedor para todos. Devemos incentivá-los a se tornarem agentes de transformação, tanto dentro quanto fora da escola, ampliando sua visão e sua perspectiva sobre a realidade em que vivem.

Cada apresentação realizada nos oferece elementos para pensar à docência como prática libertadora, que se constrói sobre a necessidade de escutar e agir. Este trabalho, portanto, atingiu o objetivo de evidenciar as contribuições do Teatro-Fórum para a conscientização e enfrentamento do assédio moral no ambiente de trabalho. Assim, este trabalho alcançou seu objetivo ao evidenciar as contribuições do Teatro-Fórum para a conscientização e o enfrentamento do assédio moral no ambiente de trabalho, possibilitando reflexões sobre a importância do diálogo e da participação ativa e coletiva na construção de espaços mais justos e respeitosos.

Que possamos, assim, levar para todos os espaços o incômodo diante de uma sociedade que ainda sustenta a lógica do oprimido e do opressor. Cabe a nós, enquanto educadores e artistas, formar cidadãos que reconheçam seu papel como agentes de transformação e compreendam que a arte é um caminho possível para despertar consciências e promover a libertação.

6. REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DA SILVEIRA, Fabiane. *Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade nos processos de formação e autoformação*. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, v. 58, n. 58, p. 1–11, e1353, 2024. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte>. Acesso em: 30 out. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Pesquisa crítica de colaboração: escolhas epistemometodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. In: MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; FIDALGO, Sueli. S. (Orgs.) *Questões de método e de linguagem na formação docente*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011

SAWAIA, Bader. *O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão*. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 96–118. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1937>. Acesso em: 30 out. 2025.

STETSENKO, Anna. *The transformative mind: expanding Vygotsky's approach to development and education*. New York: Cambridge University Press, 2017. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/transformative-mind/071D33DF837BB3F410EDB46808D329E2>. Acesso em: 30 out. 2025.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013: Acesso em 30 out. 2025